

Poesia & Ficção

Um louco de raro juízo

Francisco Dênis Melo

José Alcides Pinto, poeta místico, prosador, encantador, cúlplice de nossa dor, anjo lançado no imenso abismo, escritor, delator de almas, príncipe das trevas, mítico; ou simplesmente José para os que sabem separar o jóio do trigo, para os que sabem o valor de um escritor e de um poeta. Para os que se olham de dentro para fora. José, de “Os verdes abutres da colina”, de “O dragão”, de um tal de “João Pinto de Maria”. Ah, esse José não tem jeito, vive de se esconder da “Moça de Preto”, sem saber que ela faz parte do sonho acordado de todo poeta maldito. Ah, esse José não tem jeito, vive de desafiar sobre os seus pés andarilhos o abismo da vida... Esse poeta não tem jeito.

O que é pedra angular em José Alcides Pinto, é a sua pretensa loucura, ou sua loucura pretensa. A verdade é que esse José tão diferente, costuma nos levar de inopino para as regiões mais fundas e profundas da alma, como se em caso de “alma”, houvesse um fundo. A obra desse José – vastíssima, diga-se de passagem – é uma fusão entre a sua realidade enquanto ser social, que o prende em diversas situações não ideais, para a consumação muitas vezes tediosa do engenho humano. Mas esse José manda tudo às favas. Esse José é duro na queda. E a sua realidade, digamos assim, abstrata, que o faz saltar sobre misticismos seminiais, originários das sabedorias populares, que calaram fundo em sua alma de profeta, de poeta louco, mas que faz de sua loucura um castelo belo e admirado, visitado por todos os que amam a Arte. Ah, esse José que costuma desenhar manhas e artimanhas. Ah, esses “Signos eróticos...” Mas esse José vai ainda mais longe. Também, tem pernas de ferro.

Conheci José numa manhã de sol. Um livro estranho: “Cantos de Lucifer”. A primeira vista parece que esse José não respeita a nossa falta de ilogicidade, mas depois, depois que mergulhamos sem medir pés nem mãos, começamos a entender que tudo o que ele escreve, é na verdade uma grande revelação. José Alcides Pinto é um grande revelador. Percebi. Moço do interior, acostumado a correr livre por entre as árvores das margens do velho Acaraú... Moço que não fez outra coisa se não encantar.

Quem me dera possuir tal engenho. Quem me dera penetrar fundo nessa alma vasta e trancada a sete chaves. José é uma espécie

de baú trancado, que não precisa ser aberto para revelar riquezas incomensuráveis.

Defendo a Arte ativa desse artista da palavra, que transforma a palavra em ação social, invadindo um contexto “multipessoal”, esfacelando determinados conceitos convencionais, daqueles que dizem que todos devem seguir as regras desregradas de uma sociedade sempre em falta. Para que mentir o ânimo da flor? A flor ainda é o melhor material para os poetas? Não. Creio que não. Em José Alcides Pinto, há apenas uma fome de flores, e ele as come em sua data natalícia. Para esse poeta de peso, as flores são apenas as flores.

Conhecer José Alcides Pinto foi amor a primeira vista. E por que não? Foi um amor de poeta para poeta, embora eu seja, em vista dele, um poeta menor. Pensando bem, comparar esse José a esse Dênis, seria uma loucura, uma coisa chamada impossível. Mas como tudo no mundo obedece a leis indeterminadas, o impossível é bem possível de acontecer. José Alcides Pinto é todo ao averso... Por isso ele de repente embarca no barco ousado da poesia e transforma em canção poética uma demência incompatível com a nossa realidade tão presa ao chão e aos convencionalismos.

Estavam certos quando o chamaram de “demônio das letras”. Para escrever assim, para viver assim, para ser assim, é preciso ser demônio. Mas esse poeta tem mais caminhos no coração do que se possa imaginar. Esse poeta é um labirinto perdido num labirinto. E não adianta levar um novelo de linha para marcar o caminho de volta, porque quem adentra na obra desse ser espacial, não quer achar o caminho de volta. Prefere seguir sempre em frente. E segue. O que é mágico em José Alcides Pinto, é a enorme capacidade que ele tem de nos ensinar que “A vida era um não que a humanidade queria transformar num sim”. Em José Alcides Pinto, tudo não passa de uma grande brincadeira séria.

Ele pertence à casta dos que “esbofeteam o mundo”. E quanto a nós? Nós só temos que esperar por qualquer reação nova desse homem imprevisível. Quem sabe se tudo não passa de uma vontade de sorrir? Precisamos nos destrancar. Basta que José seja assim por nós. Não sejamos loucos. José será por nós! Não sejamos gênios. José será por nós!

Quem ousaria ser o que ele é? Os livros falam pelo escritor. Os poetas falam pelos poetas. Em se tratando de José, o bom mesmo é não pensar em nada que a primeira vista possa nos parecer lógico. No seu “A divina relação do corpo”, ele me ensina: “O que é uma obra literária? Como se constrói uma obra literária? Se todo escritor ao sentar-se em sua mesa de trabalho para escrever um

livro pensasse nessas interrogações, desistiria facilmente da empresa. Trocaria essa idéia por qualquer outra, por mais banal que fosse, sem reparar as extravagâncias de sua decisão.

Na verdade, não seria este um ato leviano, mas de pura consciência. E é na consciência que se fundamentam os princípios básicos da vida humana.

Desistiria facilmente da empresa, mas abriria uma chaga em seu coração, porque o ideal não pode ser trocado por coisa alguma do mundo, por mais valiosa que seja. O ideal é como o amor: imortal e insubstituível. Ao renunciá-lo, não se pode retomar o caminho despreocupado. Não se pode retomar caminho algum. Todas as estradas estão bloqueadas, como uma região minada”.

Esse José Alcides Pinto de vez em quando se veste de profeta e faz previsões de arrepiar o cabelo. E aos troncos e barrancos eu me debato a tentar descobrir o sentido oculto desse gênio cearense de São Francisco do Estreito. Os seus conterrâneos que me perdoem, mais o José, esse José, é mais meu do que deles. Mas na alma do poeta, ele se sente universal. Quem entoia cantos para as musas, não pode sentir-se senão universal. Preciso aprender a me controlar na presença colossal desse poeta. Preciso aprender a dar os primeiros passos. Preciso deixar de ser teimoso.

Na verdade nada poderia substituir o ideal. O ideal é a alma a permitir devaneios. O escritor é filho da dúvida, e costuma ferir-se a si mesmo, querendo descobrir a pedra filosofal. Pelo menos é assim que José Alcides Pinto é. Um “criador de demônios” rompendo o tempo cristão com o sopro infinito de suas asas gigantescas. Para bem falar desse José, seria preciso deixar o preconceito de lado e despir a vida de todos os seus recalques naturais. Quem tenta exorcizar a alma desse escritor maldito, acaba corrompido pelo próprio demônio. Há um jogo mágico na obra contundente desse cearense de arrepiar: o fantástico mundo das recordações jamais consumidas no transcorrer dos anos. José Alcides Pinto é uma entidade mística e mítica especial, que ultrapassa a razão regular que fazemos uso constantemente em nossas mais (im)perfeitas ações e reações animalescas. Somos um bicho em constante mutação.

O tempo, sua angústia imperdoável, continua a ceifar os ramos de árvores da vida.

Ninguém é dono do tempo. O tempo não está subordinado às interferências humanas. José Alcides Pinto, mais do que ninguém, sabe disso, por isso lança mãos de tudo o que é eterno. E o que há de eterno no homem, é a sua consciência a operar na realidade, como um elemento de ligação entre o efêmero e o eterno. Para o curso da história caminha a vida de todo homem sobre a terra. Caminha, é

bem verdade, mas isso não quer dizer que este homem terá o seu nome escrito com letras douradas na posteridade. Para que assim seja, é necessário que este homem asseme-lhe-se a esse José, escritor e poeta, místico e mítico, possuído e possuidor da alma humana.

José Alcides Pinto é todo existência. Vontade de poeta: Exemplo de potência. Como então separar o Alcides do José? Como separar o Pinto dos binários elementares que formam este nome tão íntegro em si mesmo e tão complexo? Não! De maneira nenhuma! José é todo integridade. É unidade de um mesmo todo.

O que pensar sobre a vida, depois de uma leitura apaixonante e apaixonada desse escritor? Devemos pensar que tudo não passa de uma incompreensível reação animal a tudo o que nos cerca, bem ou mau? Não. Ler José Alcides Pinto é muito mais do que inquirir sobre a vida. É viver a própria vida. “A vida que passa”, como dizia Rui Barbosa. Nada de penas nem cuidados. Nada de interrupções bruscas. Nada de jejum. Pelo contrário, deve-se ler José Alcides Pinto até o fim, e não é preciso temer súbitos enjôos, porque esse José não tem contra indicação.

“O Enigma” ainda paira sobre a minha cabeça entorpecida. O que seria; seria a revelação sobre o pretense fim, e que só a ele foi revelado, porque justamente ele é um grande revelador? Não sei. Não sei. Não sei. Sei apenas que não tenho medo de saber. Porque a verdade da vida é prato cheio na obra desse escritor. O medo é só para quem não tem a devida consciência de que a Literatura costuma ser Vida. Na vida... Ah, essa vida pesada ao peso do tempo, intimamente pertencida e intimamente apartada de nós... Mas em José, esse homem atrevido, a vida reina com toda a sua força sobrehumana, desprovida de elementos alheios.

Não se deve confundir em José Alcides Pinto, o bem e o mal. O bom e o mau. Há uma mesma máscara em tudo isso, por isso não precisamos mentir. E para quê? Em meio ao trigo sempre nascerá jóio. E mesmo assim, o trigo continuará sendo trigo.

A verdadeira Arte tem sortilégios de impressionar. Tem no fundamento de sua intenção primordial, a descoberta do que é essencialmente humano. Mas em que sendo humano, se procura descobrir humanidade na Arte? Primeiro é bom que se diga que existe determinada Arte que não faz do homem a sua vocação seminal. Há humanidade na vocação artística que faz do processo humano de existir (com todas as suas conseqüências e dificuldades) e matéria-prima de sua ação. E nisso, José Alcides Pinto é o máximo. Nisto, o poeta se refaz e se compraz, prescrutando minuciosamente cada detalhe da vida interna e externa das suas personagens (des) equilibradas. Tudo é mágico. Tudo é contágio nesse escritor.

Quem poderá se esquecer daquele padre descrente de milagres, as pernas trôpegas, a batina a se enfiar por entre suas pernas?... Ah, desse padre Hugo eu não me esqueço nunca mais! E ainda existem tantos outros padres, filhos da mesma pena... Tenho muita pena do padre Tibúrcio, levando sobre os ombros cansados um povoado inteiro... Mas o que fazer? "A gente tem um dia na vida, sabe? A gente tem um dia para nascer e para morrer, porque também não pode ter um dia para... Para se embriagar? hein, Jacó? Que Deus me perdoe, mas a gente tem direito a um dia!

Literatura Cearense é rica. No céu ominoso da seca, na vida sorridente dos campos verdes de vegetação rasteira, temos sempre do que se orgulhar. Do ventre dessa terra que o destino castigou, nasceram verdadeiras humildades incandescentes, astros fulgurantes da inteligência e da cultura. Todos filhos incondicionais dessa terra cearense, onde a verdade da vida abriu imensas feridas no seio da terra úbere de homens que fizeram do ato de existir, algo mais do que estar vivendo.